

Educadores de museus de ciência itinerantes: reflexões em tempos pandêmicos

Educators from traveling science museums: reflections during pandemic times

Ana Carolina de Souza Gonzalez

Museu da Vida Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz
ana.gonzalez@fiocruz.br

Maria Cristina Soares Guimarães

Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde / Instituto de
Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde / Fundação Oswaldo Cruz
crstn.guimaraes@gmail.com

Resumo

Museus são espaços onde potentes interações sociais podem acontecer ao promoverem encontros entre públicos variados e as equipes responsáveis. No caso de museus itinerantes, essa riqueza se amplia sobremaneira ao se considerar que sua missão é cruzar fronteiras para chegar a diferentes territórios e se encontrar com audiências sempre diversas a cada deslocamento. Entretanto, a pandemia de Covid-19 levou à interrupção de todas as atividades de museus no Brasil e no mundo, especialmente as itinerantes, por serem, sabidamente, promotoras de aglomerações. O presente recorte de pesquisa, inspirado na abordagem metodológica de imersão e cristalização, apresenta as visões de dois educadores/mediadores de um museu de ciências itinerante quanto aos contextos da pandemia, com o olhar para o que foi vivenciado e para o futuro. Apareceram reflexões críticas sobre o desenvolvimento de atividades virtuais, o enfrentamento do negacionismo e da desinformação, a incerteza quanto aos protocolos para retomada das viagens e o receio quanto a uma descontinuidade definitiva da ação.

Palavras chave: museus de ciência, itinerância, museus itinerantes, ciência móvel, educadores museais, pandemia.

Abstract

Museums are spaces where powerful social interactions can take place. This aspect is greatly increased in traveling museums if we consider that one of its missions is crossing boundaries to reach diverse territories and meet audiences that are always different. However, the Covid-19 pandemic led to the interruption of all museum activities in the world, especially the itinerant ones, where crowds are very common. This research, inspired by the methodological approach of immersion and crystallization, presents the views of two museum educators of a traveling science museum, considering the contexts of the pandemic, with a perspective of what was experienced in recent years, but also looking to the future. The participants brought

critical thoughts related to the development of virtual activities, the challenges in dealing with the spread of scientific misinformation, uncertainty regarding health protocols once the trips resume and the fear felling related to the possibility of a definitive discontinuity of the mobile museum.

Key words: science museums, itinerancy, traveling museums, mobile science, museum educators, pandemic.

Introdução

A pandemia de Covid-19 impôs aos espaços culturais e suas equipes uma dinâmica de descontinuidade, rupturas e a exigência por inovações e reinvenções em meio a um mercado clima de instabilidade e muitas incertezas.

Locais como museus e centros de ciências são reconhecidos *loci* de interação social, que carregam como uma de suas marcas a potencialidade de unir públicos diversos e educadores museais (que aqui também serão chamados de mediadores) durante a dinâmica de visita. Reconhecendo então os museus como esse lugar de sociabilidades, encontros e essenciais à valorização da vida, tornou-se imperativa a interrupção no recebimento de públicos presenciais como medida para evitar a disseminação do novo coronavírus.

De fato, espaços educacionais de ciência e cultura foram talvez as primeiras instituições a fecharem suas portas aos usuários e alguns encerraram suas atividades em definitivo. Tal medida se ancorou igualmente na necessária preocupação com a segurança e bem-estar das equipes e profissionais, mas também resultou em graves repercussões econômicas, sociais, emocionais e culturais (ICOM, 2020a).

Entre maio de 2020 e maio de 2021 o Conselho Internacional de Museus (ICOM) realizou três tomadas de dados de pesquisa (maio e setembro de 2020, e maio de 2021) para investigar a situação dos museus em todos os continentes e seus profissionais, tendo em vista a evolução da pandemia e as ondas que atingiriam os continentes em temporalidades diferentes. Os relatórios trouxeram alarmantes dados que mostram que 95% dos museus no mundo fecharam suas portas nos primeiros meses, sendo que 10% corriam o risco de não reabrir (ICOM, 2020a; ICOM, 2020b).

Concomitante à primeira publicação do ICOM, a UNESCO (2020) lançou um relatório que levantou diversos aspectos relacionados aos desafios enfrentados pelos museus devido à pandemia e as tendências quanto às medidas adotadas em resposta à crise. De acordo com a publicação, tais esforços institucionais para dar continuidade à promoção de acesso à cultura desvelaram uma postura resiliente dos museus. No entanto, ficou ainda mais evidente a necessidade de ampliar e fortalecer as políticas de proteção às instituições e seus profissionais, que desempenham um papel fundamental na sociedade no que diz respeito à disseminação da cultura, educação e promoção de coesão social.

Neste preocupante cenário, o ICOM também se manifestou publicamente pedindo que políticos e outros tomadores de decisão alocassem recursos emergenciais para assistir museus e seus profissionais, a fim de que pudessem resistir à crise, desempenhar seu papel na reparação do tecido social das comunidades afetadas e continuar cumprindo sua vital missão junto ao público. Assumindo que o complexo processo de recuperação mundial pós pandemia será lento, o ICOM reafirmou os museus como protagonistas no desenvolvimento local e

como instituições essenciais à promoção de encontros e aprendizagens (ICOM, 2020a; ICOM, 2020b).

Como um dos recortes do problemático diagnóstico trazido pela ampla pesquisa liderada pelo ICOM, evidenciou-se a fragilidade de vínculo dos profissionais de museus em vários países. A diminuição das atividades e programas desenvolvidos pelos museus foi apontada por mais de 80% das instituições, o que implicou diretamente na redução de equipes em quase um terço dos museus pertencentes aos 107 países que responderam à pesquisa. Os mais atingidos foram especialmente aqueles com vínculos precários de trabalho, cujos contratos foram interrompidos ou não renovados (ICOM, 2020b).

Considerando o fechamento físico dos museus, a descontinuidade das atividades se fez mais marcante naquelas ligadas ao recebimento presencial do público, evidenciando que os educadores museais formam um dos perfis profissionais mais prejudicados nessa dinâmica de cortes e restrições (MARANDINO; COSTA, 2020). No Brasil, cerca de 25% de instituições museológicas em 19 estados realizaram demissões desses profissionais como consequência da pandemia. Não à toa, fazem parte dos setores educativos a maior parte dos profissionais (31%) que afirmaram estar fragilizados emocionalmente por causa da pandemia (ICOM BRASIL, 2020).

No entanto, interromper o recebimento do público presencial não significou que os museus pararam de funcionar. Ao contrário, as equipes que permaneceram em atividade se viram obrigadas a repensar o desenvolvimento e oferecimento de atividades educativas diversificadas para que tais instituições não deixassem de cumprir sua função educativa e os compromissos de compartilhar conhecimentos e manter um diálogo próximo com seu público.

Grande parte dos museus ampliou sua participação nas redes sociais digitais e o oferecimento de atividades a partir delas. Embora um número considerável de instituições museológicas tenha afirmado já oferecer programações *online*, foi possível perceber um aumento delas em pelo menos 15% dos museus, chegando a mais de 50% quando enfocadas especificamente as atividades nas mídias sociais (ICOM, 2020a). Esse panorama ampliou os desafios quanto à formação dos educadores museais já apontados na Política Nacional de Educação Museal (IBRAM, 2017) e à própria disponibilização de infraestrutura institucional, desaguando em um processo duplamente árduo para os educadores, que precisaram repentinamente enfrentar deslocamentos quanto à sua atuação profissional (MARTI, 2021; MARTI; COSTA, 2020; MARTINS; CASTRO; ALMEIDA, 2021).

Nesse contexto, o presente trabalho teve como objetivo apresentar as experiências compartilhadas de educadores museais/mediadores de um museu de ciências itinerante no que concerne os desafios vivenciados nos primeiros anos da pandemia com a suspensão de todas as viagens da unidade móvel, reflexões sobre imersão em novos processos de trabalho e seus produtos, bem como suas visões acerca de possíveis enfrentamentos futuros em um cenário de retorno

O museu itinerante em questão é o Ciência Móvel - Arte e Ciência sobre Rodas (CM) do Museu da Vida Fiocruz (MVF), que até 2019 vinha realizando cerca de 15 viagens ao ano prioritariamente para cidades de pequeno ou médio porte com baixa oferta de atividades culturais, na região Sudeste do país (FERREIRA; SOARES; OLIVEIRA, 2007). Os mediadores que integram as ações do CM inscrevem-se em uma chamada pública e participam de um processo seletivo liderado pela equipe do CM e outros educadores do MVF que inclui análise de currículo, entrevistas, dinâmicas e uma ação de formação teórica e prática. Passam então a compor um banco de dados e todos são contactados por correio

eletrônico e convidados a participar a cada vez que uma viagem é confirmada. Configuram, assim, a principal feição institucional para os visitantes do CM porque têm como principal responsabilidade acolher e atender o público na mediação com os aparatos interativos e demais atividades que compõem os módulos temáticos. Eles não têm vínculo direto com a Fiocruz e recebem por diária de atuação em cada ação do CM. Embora o cadastro atualmente tenha cerca de 120 mediadores registrados, em cada viagem é formada uma equipe de 18 a 22 deles e procura-se fazer um balanço entre homens e mulheres, mediadores experientes e iniciantes, reunindo diferentes áreas de formação, o que ajuda a diversificar os discursos da mediação estabelecidos nessas fronteiras onde se dão os encontros com os públicos (BATISTA *et al.*, 2020; GIERYN, 1995; GONZALEZ; GUIMARÃES, 2021).

Metodologia

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo, cujos dados foram produzidos em um contexto mais amplo de pesquisa de tese de doutorado. A empiria aconteceu nos meses de fevereiro e março de 2022 e incluiu profissionais de diferentes perfis envolvidos no trabalho do CM (criadores do museu itinerante, coordenadores de viagem, técnicos/operadores e mediadores/educadores museais).

Aqui está o recorte dos resultados com os mediadores desse museu itinerante, no que tange à abordagem de temas acerca da Pandemia de Covid-19. Buscou-se ouvi-los sobre como eles se viram atuando na produção de materiais digitais tendo em vista a suspensão das viagens, suas visões sobre as incertezas quanto a protocolos sanitários para o retorno presencial das itinerâncias, suas percepções quanto ao negacionismo científico e desinformação, seus entendimentos sobre a necessidade de mudanças nas ações de formação de futuros educadores, entre outros aspectos.

Foram selecionados e convidados a contribuir com a pesquisa os dois mediadores que mais participaram de viagens nos últimos três anos (2017 a 2019, considerando a interrupção das viagens em 2020). Nos resultados, eles serão identificados com os códigos MED1 e MED2.

Como o desejo era de que os participantes pudessem rememorar e compartilhar experiências vividas ao longo das viagens e pensar em perspectivas de futuro, optou-se pela conversa conjunta como abordagem de pesquisa, de modo que se permitisse uma maior fluidez de pensamentos e de livre expressão nesse momento (LARROSA, 2002; RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018). A conversa de pesquisa aconteceu então em um único encontro presencial entre a pesquisadora e os mediadores. Os temas foram sendo colocados na medida em que os próprios participantes suscitavam diferentes reflexões nesse exercício de lembrar vivências passadas à luz de como viria a ser no futuro próximo (MINAYO; COSTA, 2019).

Nesse exercício coletivo, comumente um participante continuava ou complementava o pensamento do outro, haja vista que ambos realizaram várias viagens juntos. Dessa maneira, a escolha por uma conversa também se mostrou acertada ao considerar que há cerca de dois anos as viagens estavam suspensas, ocasionando o esmaecimento de algumas memórias. Adicionalmente, as ações de museus itinerantes são promotoras de potentes interações sociais (GONZALEZ; ALVES, 2017), seja com os territórios e públicos tão diversos a cada deslocamento, seja dentro da própria equipe, considerando a imersão de 4-5 dias em uma convivência intensa (BATISTA *et al.*, 2020). As conversas, ao propiciarem também um interessante espaço de interação, dão lugar para a fruição de experiências que se construíram igualmente dentro de uma coletividade.

A conversa foi gravada, transcrita e analisada com apoio do software MAXqDA®. O olhar analítico inspirou-se na metodologia de imersão e cristalização, onde após repetidos ciclos de leitura imersiva na transcrição, foram sendo cristalizados e organizados os temas que foram trazidos pelos participantes ao longo da conversa (BORKAN, 1999).

O protocolo da pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (CAAE 28746720.4.0000.5241, Parecer número 4.330.969) e todos os participantes assinaram o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados e Discussão

Quanto às características dos mediadores/educadores museais participantes, MED1 tem formação em Biologia, 40 anos de idade e há 11 participa de ações do CM. Já MED2 cursou Geografia, tem 32 anos e atua nas viagens do CM há pelo menos 7 anos.

Os profissionais que integram a equipe base do CM fizeram uma reestruturação dos processos de trabalho durante a pandemia, tendo em vista que as viagens da unidade móvel foram interrompidas em março de 2020 e retomadas parcialmente somente a partir de agosto de 2022. Durante todo esse interstício, era necessário seguir atuante de alguma maneira, inclusive para que os mediadores – que não têm vínculo formal com o MVF e são remunerados a partir do pagamento de diárias em viagens – pudessem continuar sendo pagos. Foram então criados diferentes grupos de trabalho com mediadores para a produção de uma variedade de atividades educativas, produtos digitais e campanhas em redes sociais inspiradas nos conteúdos das exposições itinerantes e nos módulos temáticos do CM.

Nesse contexto, MED1 fala sobre como foi sua experiência ao tentar participar de um desses grupos e os tantos cruzamentos com questões relacionadas à saúde mental e angústias desse período tão desafiador para todos e todas, dado que igualmente foi merecedor de destaque no relatório do ICOM Brasil sobre educadores museais no país (ICOM BRASIL, 2020).

Eu tava nos grupos [de desenvolvimento de atividades digitais]. Depois eu saí porque eu realmente fiquei mal na [pandemia]. Tava bem mal. Pra mim foi muito ruim. Eu não tenho uma boa relação com a pandemia não. E na divulgação científica, tanto pelo [projeto parceiro, onde MED1 também atua] quanto por aqui, eu não me adaptei muito a esse tipo de trabalho. Eu saí no meio porque não tava me sentindo bem. Aí resolvi sair (MED1, 2022).

Ele traz ainda uma visão crítica e questionamentos quanto ao perfil profissional para se expor em frente às câmeras e, principalmente, quanto ao alcance e a efetividade dessas atividades *online*, à luz do quantitativo de público presencial que em média é alcançado a cada viagem, em contraponto aos hábitos de consumo de conteúdos da ciência a partir de meios virtuais. Já existe um importante acúmulo na literatura mostrando o potencial do que é desenvolvido na perspectiva da Educação Museal *online* (MARTI, 2021), entretanto, o que aqui parece estar tensionado é o fato de que a atuação prioritária do CM se dá em municípios de pequeno ou médio porte onde há oferta cultural restrita, e a conseqüente preocupação de que as atividades mediadas por tecnologias digitais não acabem por ampliar um cenário de exclusão.

É, e eu não sei se os museus conseguem, porque assim, aí tem a questão também de como que a ciência é consumida no meio virtual. Que no Brasil não é muito consumido, não tem consumo, é muito pouco. Não sei se a gente

atende, se a gente teria o mesmo impacto. Eu sempre ficava com essas coisas... a gente está fazendo isso, “Ah, vamos produzir um vídeo para internet, não sei o que”. Tá, mas pra quê? Pra ter 10 visualizações? 5 curtidas? [...] Não sei. Eu sempre ficava nessa dúvida. As pessoas queriam fazer... Aí eu não sei se seria um caminho. Assim, se a pandemia fosse realmente se prolongar, a gente teria [esse tipo de produção]? Teria. Dá pra fazer. Só que eu tô vendo que eu acho que os museus começaram, pelo que eu andei vendo, e não conseguiram manter aquilo. Ou porque não tinha engajamento [...] Mas, por exemplo, tu vai numa viagem. Quanto que a gente recebe de público? Seis mil? Aí tu vai botar um vídeo no YouTube, que você tem que pesquisar, você tem que gravar, você tem que aprender a gravar, porque nem todo mundo gosta, gosta de falar na câmera, eu, por exemplo. Tipo, ficar falando por nada? Uma coisa é você tá com a turma, e você tá falando para alguém. Outra coisa, você tá falando pra câmera. Eu não consigo. Eu acho muito, sei lá, frio, esquisito. Aí fazer roteiro. Aí você vai, aí joga aquilo no YouTube. Aí tu vai ver, 50 pessoas assistiram o vídeo. Não, e se essa pessoa que viu o vídeo, será que ela prestou atenção? Será que botou o vídeo lá e foi fazer outra coisa? (MED1, 2022).

E tem comercial no meio do vídeo (MED2, 2022).

É, ou se viu os 10 primeiros minutos e depois desistiu (MED1, 2022).

Outro tema que ganhou muito destaque durante a conversa de pesquisa foi a ampliação do movimento negacionista durante a pandemia e como ele foi e é influenciado por uma conjuntura política em que declarações públicas de lideranças nacionais acabam por serem combustíveis para isso (BRIDGMAN *et al.*, 2020; COSTA, ROQUE; 2020). Nesse sentido, os participantes trouxeram reflexões quanto aos mecanismos dominados pelos negacionistas para o rápido espalhamento de desinformação e ponderaram que os processos de formação de novos mediadores do CM precisam passar a incluir o debate sobre como dialogar com equipes locais nas cidades e visitantes que eventualmente podem ter falas e posturas negacionistas diante de temas levantados por esse museu de ciências itinerante.

Debater com negacionista é muito difícil. E a gente vai encontrar muito isso na cidade. Desde visitantes, até os prefeitos, deputados bolsonaristas e tal. Então acho que a gente vai ter que exigir muito a paciência nossa e tentar dialogar. Eu acho que eu só o diálogo resolve, mas às vezes a gente vai ter que aceitar o que tá acontecendo. E engolir sapo é muito difícil, né. Eu não sei, eu acho que, acho que é o diálogo, ouvir, e vocês, quem tá na direção, quem tá na coordenação, vai ter que tomar, talvez, as rédeas. Porque a gente não pode atropelar vocês, e muitas vezes dá vontade de responder na hora. Então a gente vai ter que ter muita paciência, assim [...]. Lidar com os negacionistas, que vão ser, cada vez mais estão saindo dos esgotos e tal, vai ser cada vez mais difícil (MED2, 2022).

Porque isso é uma coisa que tá crescendo aceleradamente na população (MED1, 2022).

Exatamente. E eles estão mais corajosos, né (MED2, 2022).

O negacionismo, né, a pós-verdade. A minha palavra vale só porque é a minha palavra [...]. Porque eles acham que todas as opiniões têm o mesmo peso [...]. Eles conseguem colocar uma verdade científica, um fato científico

como opinião [...] Eles acham que os dois tem exatamente o mesmo valor (MED1, 2022).

Achismo (MED2, 2022).

E eles estão respaldados pela principal figura do país. Então isso que pega. Eu acho que vai ser um dilema muito grande, assim (MED2, 2022).

É, e a Ciência tem que encarar. E o problema é que assim, é meio desigual né, as ferramentas que são usadas pelos negacionismos, e o que a gente tem. É muito desigual (MED1, 2022).

Na abordagem das tantas questões que orbitam a pauta do negacionismo, também emergiu uma dimensão bastante potente, em que esses mediadores, enquanto a voz institucional de um museu de ciências itinerante, acabam se tornando figuras de referência dentro da própria equipe de trabalho, composta pelos mais variados perfis. Aparece uma analogia quanto ao fato de as pesquisas de percepção pública da ciência mostrarem que os cientistas são figuras em quem a sociedade confia (CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS, 2017; 2019). Além dessa responsabilidade de ser um protagonista no enfrentamento, por exemplo, de pensamentos anti-vacina, os participantes também falaram sobre a premência por um senso de coletividade, ainda que a assunção dessa postura por todos e todas permaneça um desafio, justamente pela perspectiva do negacionismo.

Mas assim, [no projeto itinerante de divulgação científica parceiro do CM] a gente teve até uma felicidade. O motorista lá que leva a gente, ele tava sofrendo. Ele veio perguntar para a gente, que ele não queria vacinar a filha dele, e a mulher dele não queria também. Ele tava em dúvida. A mulher dele não queria. Aí ele veio perguntar para a gente, a gente ficou conversando com ele, tentando não desmerecer ele, não atacando ele, porque eu acho que também, meio que né, entra na defensiva. A gente tenta explicar para ele, escutar ele. Aí nessa última viagem ele foi falar que vacinou a filha dele [...]. E ele era bem assim... E a mãe dele recebe coisas de *WhatsApp*, assim. A mãe dele também tava influenciando muito. E aí, a gente falou com ele tipo, “Legal que vacinou”. Ele ficou feliz também. Parecia que ele tinha tirado um peso, assim. Tipo, “Ah, vacinei a minha filha” (MED1, 2022).

E tem muitas pessoas que realmente estão perdidas, né. Então eu acho que talvez esse é o papel: a gente conseguir pegar essas pessoas pra gente [...]. A gente precisa ter empatia e olhar que as pessoas estão com medo. Massificou esse medo, né. Então tem que tomar um cuidado mesmo com essas pessoas (MED2, 2022).

Sim. A gente tem que levar assim, que eu vi também nessa pesquisa que eu tava lendo, que o cientista, ele na sociedade, ele tem essa visão, é, a sociedade tem essa visão de que o cientista é uma pessoa confiável [...]. Aí tem, tem essa coisa, né. O cientista tem essa visão na sociedade, a sociedade tem essa visão de que o cientista é uma pessoa confiável, né. Que a informação que a gente dá é confiável. Aí eu acho que a gente tem que usar também um pouco dessa ferramenta. Mas é meio desleal a disputa, eu acho [...]. Porque isso é um ataque direto à Ciência. Todo negacionismo é um ataque direto à Ciência. Não é um ataque à religião, até porque geralmente estão atrelados. Aliás, não tô dizendo todos, mas tá atrelado. Mas isso é um ataque direto à metodologia científica, à Ciência. E aí eu acho que é um

papel que a gente tem que, de alguma maneira, usar o caminhão. Não sei. Eu tava pensando assim...empatia e essas coisas [...] (MED1, 2022).

E agora eu acho que o senso coletivo tá muito mais necessário, assim. Que as pessoas estão cada vez mais egoístas. Então, “Ah, não vou usar máscara”. Todo o negacionismo, tudo, então... (MED2, 2022).

Aí você vai falar pra a pessoa, a pessoa já é agressiva, você não sabe se pode falar (MED1, 2022).

É. Então esse senso coletivo não existe mais. É o senso individual (MED2, 2022).

Sabedores de que uma das vocações do CM é mesmo a de provocar aglomerações por onde passa, os mediadores também falaram sobre os desafios e incertezas para a retomada das viagens. Em um cenário contemporâneo de recrudescimento dos casos de Covid-19 e identificação de novas subvariantes do coronavírus, os participantes da pesquisa vislumbram problemas tanto no atendimento ao público, quanto no convívio dentro da equipe, já que as cerca de 25 pessoas que saem do Rio de Janeiro para o desenvolvimento das ações fazem as refeições em conjunto e os quartos das hospedagens são compartilhados. Há um dilema posto entre problematizar a lotação do espaço, a necessária revisão da responsabilidade pelo cumprimento de metas institucionais quantitativas (número de visitantes/ano) e a missão fundadora de atender públicos em situação de vulnerabilidade social (FERREIRA; SOARES; OLIVEIRA, 2007; MOREIRA, 2006).

Por exemplo, o planetário é um experimento que a gente tá discutindo. Nossa, sem condição. Eu acho que é um experimento que fica inviável em momento de pandemia. Mesmo porque as crianças não ficam de máscara. Ou fica com a máscara caída ou fica sem... tu tá escuro. Não, não é viável. Não tem circulação de ar. Não sei, eu não consigo visualizar uma maneira de usar o planetário numa pandemia (MED1, 2022).

Até a própria lotação do espaço. Como é que vai lotar isso? Vai ter que diminuir muito a questão da lotação, pra tá mais arejado (MED2, 2022).

Mas aí tu vai, aí vem uma criança com a máscara toda larga, que você vê que ela não tem condição, que ela deve tá usando só aquela máscara. Que não tem condição de ter várias máscaras, não tem condição de comprar uma PFF2, não tem. E tu vai falar o quê, pra uma pessoa dessa? (MED1, 2022).

Não, até questão de divisão de quarto, essas coisas, assim. Não sei como é que seria... (MED2, 2022).

No dia a dia, não dá, não tem condição. Ninguém vai usar máscara o dia inteiro. Incomoda demais (MED1, 2022).

Conclusões

O recorte de pesquisa aqui apresentado tem a limitação de olhar apenas as experiências de um único museu itinerante a partir das visões de dois de seus educadores museais. No entanto, ainda que os resultados não possam ser generalizáveis, eles propiciaram um olhar qualitativo

para questões derivadas dos tantos desafios ligados à pandemia de Covid-19 no contexto da itinerância de museus de ciência, além de questões pessoais enfrentadas por quem se coloca na estrada.

Na percepção dos participantes da pesquisa, as iniciativas mediadas por tecnologia digital e os produtos subjacentes não substituem a atuação presencial do CM nos territórios e a riqueza das interações sociais que acontecem a cada deslocamento. De fato, esse cruzamento de fronteiras – reais e simbólicas – traz consigo uma dimensão de encontros com outros tão diversos que traduzem justamente uma singularidade que somente as práticas itinerantes conseguem alcançar (GONZALEZ, 2022).

O enfrentamento do negacionismo e da desinformação no âmbito de atuação de um museu de ciências itinerante apareceu sob diferentes perspectivas: uma que está ligada a situações dentro da própria equipe de trabalho (como o exemplo trazido de um projeto parceiro de divulgação científica itinerante) e outra, relacionada à preocupação de como abordar esse debate junto ao público e a necessidade de incluir esse tema dentro da programação de formação de novos mediadores. Se considerarmos que essa pesquisa teve como objeto um museu de ciências itinerante pertencente à Fiocruz – a instituição de saúde pública mais importante da América Latina e uma das lideranças mundiais na produção de vacinas e conhecimentos sobre o novo coronavírus e a pandemia – a abordagem desses temas ganha contornos ainda mais sensíveis (INSTITUTO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2020).

Os resultados corroboraram alguns dos apontamentos trazidos pelos relatórios do ICOM (2020a; 2020b) e mostraram um desalinhamento entre as demandas profissionais desse período conturbado e a estabilidade emocional dos profissionais, abalada com tantas perdas e incertezas. Ainda que, na ausência de viagens do CM, direcionar esforços para o desenvolvimento de atividades digitais tenha sido a solução possível para que esses educadores – com vínculo precarizado – continuassem sendo remunerados, pôde-se perceber a dificuldade de ter que inovar institucionalmente enquanto vivia-se soterrado por dúvidas e medo. Essa reinvenção, que se fez imperativa (BATISTA; BARROS; STUDART, 2021) para não paralisar integralmente as atividades desenvolvidas pelo setor de itinerância do MVF, trouxe a reboque outras angústias e questionamentos quanto à sua efetividade.

Por fim, ainda que os participantes da pesquisa apontem para os expressivos desafios do retorno das viagens e a sensação de insegurança sanitária quanto a protocolos para o recebimento de público em um cenário em que ainda há grande circulação do vírus, existe também uma preocupação latente de que isso não signifique a descontinuidade definitiva do CM. Mais uma vez, os mediadores tomam para si essa responsabilidade e assumem um papel protagonista nessa luta para não “deixar morrer”.

Eu acho que não pode é deixar morrer. Porque já não sobrou mais quase nenhum, né, projeto assim, itinerante no Brasil. A gente não pode deixar morrer. E eu acho que a gente tem que fazer campanhas... Hoje em dia com essa Ciência e Tecnologia que a gente tem, eu não sei, né. Mas que outros projetos venham. Eu acho que é um sucesso o projeto (MED1, 2022).

Eu conversei até com [outra mediadora] sobre isso, assim. Do nosso medo de não ter mais Ciência Móvel. A gente fica muito: “Cara, do jeito que tá assim hoje, pelo jeito, não é viável, no Ciência Móvel, assim”. Então realmente como você falou, a gente não pode deixar morrer (MED2, 2022).

Tem que manter a brasa acesa (MED1, 2022).

Os dados da pesquisa trazidos aqui dão pistas de alguns dos desafios enfrentados na rotina de deslocamentos de museus itinerantes e apontam para um cenário ainda mais complicado, provocado pelas tantas rupturas impostas pela pandemia. Na voz dos seus educadores estão registrados os incômodos quanto a um modelo de atividades voltado à virtualização da interação social e as demandas por novas ações de formação, haja vista a percepção de que um público mais resistente ao conhecimento científico pode se fazer presente. Para além de abrir caminhos para pensar nas tantas incertezas que ainda pairam sobre a retomada paulatina das ações presenciais, os resultados evidenciam o protagonismo dos educadores museais em serem a feição institucional no contato direto com o público e a importância de reconhecê-los enquanto pessoas de referência na construção do diálogo entre ciência e sociedade (ROCHA; MARANDINO, 2020; SILVA, 2018; SIMÕES, 2019).

Referências

- BATISTA, A. M. F. *et al.* A formação de mediadores no Museu da Vida: múltiplas vivências. **Journal of Science Communication – América Latina**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-12, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22323/3.03020205>. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/pt-br/03/02/JCOMAL_0302_2020_A05. Acesso em: 2 set. 2022.
- BATISTA, A. M. F.; BARROS, H.; STUDART, D. A reinvenção de um museu de ciências em tempos de pandemia. *Revista Museu*, publicação *online*. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/artigos/18-de-maio/18-maio-2021/11291-a-reinvencao-de-um-museu-de-ciencias-em-tempos-de-pandemia.html> Acesso em 15.nov.2022.
- BORKAN, J. Immersion/Crystallization. *In*: CRABTREE, B. F.; MILLER, W. L. (ed.) **Doing Qualitative Research**. 2nd ed. [S. l.]: Sage Publications, 1999. 406 p.
- BRIDGMAN, A. *et al.* The causes and consequences of COVID-19 misperceptions: Understanding the role of news and social media. **Harvard Kennedy School Misinformation Review**, v. 1, n. 3, p.1-18, 2020.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros: percepção pública da C&T no Brasil: 2015**. Brasília, DF: CGEE, 2017. *E-book* (152 p.). Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10182/734063/percepcao_web.pdf. Acesso em: 23 maio 2018.
- CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS. **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019: resumo executivo**. Brasília, DF: CGEE, 2019. *E-book* (24 p.). Disponível em: https://www.cgee.org.br/documents/10195/734063/CGEE_resumoexecutivo_Percepcao_publica.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.
- COSTA, A.; ROQUE, T. Ciência e política em tempos de negacionismo. **Ciência Hoje**, v. 367, 2020.
- FERREIRA, J. R.; SOARES, M.; OLIVEIRA, M. de. Ciência móvel: um museu de ciência itinerante. *In*: REUNIÓN DE LA RED DE POPULARIZACIÓN DE LA CIÊNCIA Y LA TECNOLOGIA EM AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 10., 2007, San José, Costa Rica,

Anais [...]. San José, Costa Rica: UNESCO, 2007. p. 1-12. Disponível em: <https://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-JoseRibamar.pdf>. Acesso em: 1 set. 2022.

GIERYN, T. F. Boundaries of science. *In*: JASANOFF, S.; MARKLE, G, E.; PETERSEN, J. C.; PINCH, T. (ed.). **Handbook of science and technology studies**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1995. p. 393-443.

GONZALEZ, A. C. de S. **Museus que aprendem?** A itinerância e a coprodução de conhecimentos na fronteira entre ciência e sociedade. 271 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

GONZALEZ, A. C. de S.; ALVES, W. Sejam bem-vindos! Os sentidos da passagem de um museu de ciências itinerante no discurso do público participante. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 11., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: http://www.abrapecnet.org.br/enpec/xi-enpec/anais/lista_area_04.htm. Acesso em: 7 jan. 2018.

GONZALEZ, A. C. de S.; GUIMARÃES, M. C. S. Um novo framework teórico para estudar museus itinerantes: o olhar para as fronteiras. **ACTIO**, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 1-26, mai./ago. 2021. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/actio>. Acesso em: 2 set. 2022.

IBRAM. **Política Nacional de Educação Museal**. 2017. Disponível em: <https://pnm.museus.gov.br/wp-content/uploads/2017/06/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o-Museal1.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

ICOM. International Council of Museums. **Museums, museum professionals and COVID-19: survey results**, 2020 (a). Disponível em: <https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/05/Report-Museums-and-COVID-19.pdf> Acesso em: 06 jul. 2020.

ICOM. International Council of Museums. **Museums, museum professionals and COVID-19: follow-up survey**, 2020 (b). Disponível em https://icom.museum/wp-content/uploads/2020/11/FINAL-EN_Follow-up-survey.pdf Acesso em: 05 jan. 2021.

ICOM BRASIL. **Dados para navegar em meio às incertezas: resultados da pesquisa com profissionais e públicos de museus**. Sumário Executivo, 2020. Disponível em: http://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2020/11/20201120_Tomara_ICOM_SumarioExecutivo_FINAL.pdf. Acesso em: 24 jul. 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO PÚBLICA DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz. **Como brasileiros e brasileiras veem a Fiocruz**: um estudo em 12 cidades do país: sumário executivo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, 2020. 27 p. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/43821/comobrasileirosveemafiocruz.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 3 set. 2022.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 27. jul. 2022

MARANDINO, M.; COSTA, A. F.. Educação Museal na Pandemia: articulações frente aos desafios atuais. Publicação online, 2020. Disponível em:

<https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/educacao-museal-na-pandemia-articulacoes-frente-aos-desafios-atuais/> Acesso em: 24 jul. 2021.

MARTI, F. M. C. **A Educação Museal Online: uma ciberpesquisa-formação na/com a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional.** 298 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

MARTI, F. M. C.; COSTA, A. F. Revisitando os Museus na Pandemia: sobre Educação Museal Online e Cibercultura. Notícias, **Revista Docência e Cibercultura**, maio de 2020, online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107> Acesso em: 2 jun.2020.

MARTINS, L. C.; CASTRO, F. S. R.; ALMEIDA, A. M. Como fazer depois de 2020? A Política Nacional de Educação Museal em um contexto pós-pandêmico. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 34, n. 54, p. 43-54, 2021.

MINAYO, M. C. S.; COSTA, A. P. **Técnicas que fazem uso da Palavra, do Olhar e da Empatia: pesquisa qualitativa em ação.** Aveiro: Ludomedia, 2019.

MOREIRA, I. de C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set. 2006. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1512>. Acesso em: 1 set. 2022.

RIBEIRO, T.; SOUZA, R. de; SAMPAIO, C. S. (org.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** Rio de Janeiro: Ayvu, 2018. 216 p.

ROCHA, J. N.; MARANDINO, M. O papel e os desafios dos mediadores em quatro experiências de museus e centros de ciências itinerantes brasileiros. **Journal of Science Communication – América Latina**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 1-22, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22323/3.03020208>. Disponível em: https://jcomal.sissa.it/sites/default/files/documents/JCOMAL_0302_2020_A08_pt.pdf. Acesso em: 2 set. 2022.

SILVA, J. R. L. da. **Educação museal: investigando a mediação em um museu de ciências itinerante.** 2018. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/26438/1/Disserta%20a7%20a3o%20Josefa%20Rosime%20Lira%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022.

SIMÕES, A. L. **Formação de mediadores para atuação em museus itinerantes de ciências: uma investigação centrada na adequação das formações à diversidade de público visitante.** 2019. 106 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Portugal, 2019. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/63694/1/Aurora%20Lopes%20Sim%20b5es.pdf>. Acesso em: 6 set. 2022.

UNESCO. **Museums around the world in the face of Covid-19.** Relatório online, 2020, 32p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000373530> . Acesso em: 21 jul. 2021.